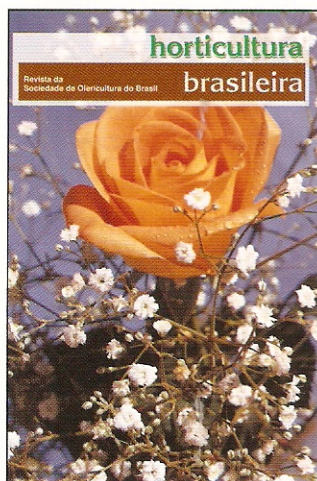




Simplemente *Gypsophila*

Gypsophila paniculata, herbácea perene ornamental, produz inflorescências em forma de panícula, com numerosas flores pequenas, cujo conjunto aparenta delicada transparência e notável leveza. Os ramos floridos são usados isoladamente ou como componente em arranjos florais. A planta, originária da Ásia e Europa, pertence à família *Cariophyllaceae*. O gênero *Gypsophila* inclui cerca de 125 espécies, sendo a espécie *G. paniculata* a mais cultivada e comercializada como flor de corte anual. Para uso em paisagismo, recomenda-se as espécies *G. pacifica*, *G. elegans* (de portes maiores), *G. muralis* e *G. repens* (rasteiras). Destas, somente a *G. elegans* (flores brancas) e a *G. pacifica* (flores rosas) são espécies anuais, reproduzidas por sementes. As outras são perenes, rasteiras e extremamente rústicas. *G. muralis*, considerada invasora de solos arenosos e úmidos na Europa, tem as pétalas rosas com estrias avermelhadas. *G. repens*, com flores rosadas e porte mais baixo (<25 cm), é flor de altas altitudes, nativa dos Alpes e Pireneus e utilizada na composição de jardins rochosos. *G. paniculata*, de 60-90 cm de altura, é altamente ramificada com folhas lineares de cor verde acinzentado. Bristol Fairy é a mais cultivada e comercializada no Brasil como flor de corte, possui flor branca de diâmetro pequeno (5-7 mm) e pétalas duplas. Outras cultivares: Perfecta (pétalas duplas brancas grandes, 10-13 mm), Flamingo, Pink Fairy e Red Sea (as três com pétalas róseas), Golan, Gilboa, Arbel e Tavor (as quatro com flores brancas de tamanhos diferentes). A produção de flores de *Gypsophila* é

afetada pela conjugação dos fatores ambientais: comprimento do dia, temperatura e intensidade luminosa. É planta de dia longo e necessita de mais que 13 h de luz. No outono e inverno pode-se aumentar artificialmente o comprimento do dia com lâmpadas de 150-200 W a cada 3 m linear, durante até 8 horas adicionais de forma intermitente 1:2 (10 minutos de "luz" para 20 minutos de "escuro") até o surgimento da cor nos botões florais. Temperatura média superior a 15°C e alta intensidade luminosa contribuem em maior crescimento e maior produção de flores. Uma combinação adequada de temperatura e fotoperíodo é necessária para o crescimento vegetativo, indução floral, alongação da haste floral e iniciação floral e formação floral e florescimento propriamente dito. Pode ser produzido em qualquer época do ano se não ocorrer baixa temperatura. Temperatura alta conjugadas com fotoperíodo de dia longo podem antecipar o ciclo, mas as flores não terão boa qualidade na apresentação. Como a temperatura ótima para o desenvolvimento situa-se entre 15 e 20°C, temperaturas inferiores a 10°C (e dias curtos) favorecem a permanência das plantas em estado vegetativo. Entretanto, as respostas são varietais: 'Golan', 'Gilboa', 'Arbel' e 'Tavor' respondem a dias mais curtos que 'Perfecta' e 'Bristol Fairy', sendo também mais resistentes ao cultivo a céu aberto. Durante um ano, com as mesmas plantas, pode-se obter de 2 a 3 ciclos de produção de hastes florais, sendo o primeiro obtido três meses após o plantio, com rendimento em torno de 5 a 8 pacotes/m²/ciclo. Em regiões sem problema de temperatura baixa a duração do ciclo é menor e poderá ser cultivado a céu aberto. A planta prefere solos bem drenados e alcalinos, com pH entre 6,5-7,0. Essa preferência por solos alcalinos deu origem ao seu nome (*Gypse* significa rocha sedimentar com presença de sulfato de cálcio hidratado ou "pedra de gesso"). As mudas podem ser obtidas por estacas, utilizando-se reguladores de crescimento e/ou por sementes. A produção por sementes resulta em plantas com alta desuniformidade e de custo elevado, pela dependência da importação. A técnica da micropropagação é mais vantajosa e permite a produção de mudas em escala comercial, livres de doenças e pragas em curto espaço de tempo. Podem ser obtidas por aprox. US\$ 0,20/unidade,

conforme a região. No manejo pós-colheita recomenda-se o uso de soluções conservativas e armazenagem sob temperatura amena (câmaras frias), já que a durabilidade máxima da flor fresca é de duas semanas. A produção de flores constitui grande potencial em relação ao *agribusiness* brasileiro, graças à biodiversidade e à amplitude de tipos de solo e de clima do Brasil, possibilitando boa diversificação de espécies. O mercado mundial de flores e plantas ornamentais encontra-se em plena expansão. A Holanda é o maior produtor dominando as exportações; comercializou em torno de US\$ 1,7 bilhões em 1997 apresentando um crescimento anual de cerca de 5%. A União Européia é ao mesmo tempo, a maior produtora e a maior consumidora de produtos deste setor. Em 1999, o grupo de flores de corte continuava sendo o mais comercializado (46,8% do total), seguido pelas plantas vivas (39%), as folhagens (7,8%) e os bulbos (6,4%). Esses dados referem-se às importações, onde Kênia participou com 25%, Israel com 20%, Colômbia com 17%, Equador com 11%, Zimbábue com 9% e outros países com 18%. As exportações européias desses grupos de plantas ornamentais seguem esta mesma tendência, sendo que a Holanda é responsável por 89% do total exportado e seu maior cliente é a própria União Européia (com 83%). Neste contexto, a *Gypsophila paniculata* garante 2,5-3,0% desse total. Em 1999, ela encontrava-se em 9º lugar no ranking das 10 flores mais vendidas (com 43,6 mil Euros ou 2,88% do total) e em 2000, caiu para a 10ª posição (42,5 mil Euros e 2,54% do total) tendo sido ultrapassada pela alstroemeria. Como o forte mercado europeu sugere as tendências atuais mundiais, mostra-se interessante acompanhar a flutuação das espécies comercializadas. Entretanto, mesmo se os europeus buscam novidades constantemente, a *Gypsophila* continua tendo sua participação garantida como uma espécie "reserva de capital" pois não é de cultivo tão exigente (comparada com outras espécies) e supera modismos pela possibilidade de integrar-se perfeitamente em qualquer composição floral. No Brasil, a *Gypsophila* é considerada uma das principais flores de corte, sendo apontada como o terceiro produto mais comercializado na CEAGESP e continua na lista dos dez mais vendidos no *Veiling da*

Holambra. De acordo com dados da IBRAFLO os Estados brasileiros maiores produtores são Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sendo que São Paulo movimenta cerca de 70% da produção nacional de flores. No Rio Grande do Sul, nos meses com datas de elevado consumo como o Dia das Mães, dos Namorados e Finados, alguns autores relatam que chegam ao Estado mais de quinhentas toneladas de rosas e mosquitinhos. Levantamento feitos no Estado apontam que a área cultivada com flores passou de 304 ha em 1996 para 609 em 2000. A produção estadual abastece 40% da demanda sendo o Estado auto-suficiente apenas em culturas como begônia, amor perfeito e forração de jardins. Existem 561 produtores localizados em municípios como Santa Cruz do Sul, Litoral Norte e Vale do Caí (Pareci Novo, Portão, São Sebastião e Capela de Santana). Para 32% dos produtores a floricultura é a única fonte de renda num setor que gera empregos para 2,4 mil pessoas. Especificamente em Passo Fundo, no Planalto Médio Gaúcho, as floriculturas importam flores, sobretudo de São Paulo, pois os produtores locais não atendem à demanda, acarretando um aumento do custo final do produto ao consumidor. Como todo Rio Grande do Sul, os produtores desta região, interessados na cultura da *Gypsophila*, ressentem as maiores dificuldades no cultivo e produção desta espécie principalmente pelo difícil acesso a mudas de boa qualidade. Em função dessa demanda, visando atender às necessidades regionais, o Laboratório de Biotecnologia Vegetal da Universidade de Passo Fundo iniciou em 1996 um programa de produção de mudas através da micropropagação. Atualmente, este laboratório regional está produzindo em escala comercial cerca de 4.000 mudas/ano, implicando em redução do custo ao produtor e evitando a entrada de mudas infestadas na região. Neste número da *Horticultura Brasileira* temos a oportunidade de publicar um artigo científico sobre a produção de mudas de *Gypsophila paniculata* cv. Bristol Fairy por meio da técnica de micropropagação, onde o leitor poderá obter outras informações sobre esta cultura tão interessante. (Eunice O. Calvete & Cláudia Petry; FAMV da Universidade de Passo Fundo, RS; E-mail: calveteu@upf.tche.br; petry@upf.tche.br).